



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

GEDERSON MOREIRA CEZAR

**FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA MALHADINHA**

Porto Nacional, TO

2018

GEDERSON MOREIRA CEZAR

**FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA MALHADINHA**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Porto Nacional para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientador (a): Prof. Dr. Valdir Aquino Zitzke

Porto Nacional, TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C425f Cezar, Gederson Moreira.
Festejo do Divino Espírito Santo na comunidade quilombola Malhadinha.
/ Gederson Moreira Cezar. – Porto Nacional, TO, 2018.
21 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Geografia, 2018.

Orientador: Valdir Aquino Zitzke

1. Festejo. 2. Quilombo. 3. Religião. 4. Comunidade. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GEDERSON MOREIRA CEZAR

**FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA MALHADINHA**

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Geografia foi avaliado para a obtenção do título de Geografia e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 23/05/2018

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Valdir Aquino Zitzke (UFT)

Prof. Dr. Rosemberg A. Lopes Ferracini (UFT)

Prof. Dra. Vera Lúcia Aires Gomes da Silva (UFT)

Dedico este trabalho aos meus pais Gerson Moreira Ribeiro e Ariadne Cezar Nogueira, por terem sido meu porto seguro, apoiando-me nos momentos difíceis, e sempre acreditando no meu potencial, e, principalmente em meu crescimento intelectual para que eu me tornasse cada vez mais uma pessoa de bem, respeitada, ética e responsável.

AGRADECIMENTOS

Á Deus pela minha existência por ter me concedido a graça de estudar e concluir o Curso de Geografia licenciatura, na Universidade Federal do Tocantins.

Á minha família pelo apoio que deram a mim por acreditarem no meu trabalho e pela contribuição que deram para minha formação.

Á minha tia Rosilene pela a acolhida em seu lar durante os quatro anos de graduação.

Á minha amiga Andreia Alves que prestou valiosas contribuições para a construção deste trabalho

RESUMO

O presente artigo visa relatar as vivências, festivas do festejo do Divino Espírito Santo na Comunidade Quilombola Malhadinha Brejinho de Nazaré- TO. No Brasil à uma grande dificuldade de encontrar registros, das festividades do povo negro, sendo por esse, um desses motivos que, me levou a construção deste artigo, como forma de quebra desse paradigma. Este trabalho almeja também mostrar para os leitores a construção dessa festa, e o significado da religiosidade de cada morador devoto ou não, em termos gerais, objetiva-se em entender a festa do Divino no Quilombo de Malhadinha.

Palavras-chaves: Festejo. Quilombo. Religião. Comunidade.

ABSTRACT

This article aims to report on the festive experiences of the feast of the Divine Holy Spirit in the Quilombola Community Malhadinha Brejinho de Nazareth. In Brazil, to a great difficulty of finding records, of the festivities of the black people, being for that, one of these reasons that led me to the construction of this article, as a way of breaking this paradigm. This work also aims to show the readers the construction of this feast, and the meaning of the religiousness of each resident devotee or not, in general terms, is aimed at understanding the feast of the Divine in Quilombo de Malhadinha.

Key-words: Celebration. Quilombo. Religion. Community.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	11
2.1	Cultura e Religião	11
2.2	Território Quilombola	12
2.3	A origem da festa do Divino Espírito Santo	13
2.4	A festa do Divino Espírito Santo na Malhadinha	15
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais percebemos uma preocupação em resgatar os registros do povo negro no Brasil em relação às festividades ou os quaisquer outros tipos de manifestações culturais, considerando-se que muito da história dos quilombolas se perdeu junto com o fim dos Quilombos.

O reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos ou comunidades quilombolas é uma iniciativa de valorização e reconhecimento deste grupo na constituição e na formação da identidade cultural do povo brasileiro.

O objetivo deste trabalho é entender a Festa do Divino Espírito Santo na Comunidade Quilombola Malhadinha, no município de Brejinho de Nazaré, no estado do Tocantins, portanto, uma festa católica, na perspectiva da geografia das religiões. Some-se a isso, o fato de se tratar de uma festa que, em muitos contextos brasileiros, está relacionada à população branca, em contraposição às festas dedicadas a outros santos ligados aos negros, como Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, por exemplo. Neste caso, seria uma festa de “brancos” num território de “negros”.

Interessante observar que na Comunidade Malhadinha predominam dois grupos religiosos, o católico e os evangélicos sem aparentes atritos as desarmonias, mas com respeito às crenças das famílias.

Para essa pesquisa, de cunho bibliográfico, foram selecionados textos científicos, como artigos, livros, teses e dissertações, além de notícias disponíveis em jornais e sítios que abordassem a Festa, no sentido de contribuir para valorizar este tipo de manifestação religiosa e cultural pelo viés da geografia da religião, considerando que a religiosidade se manifesta no espaço, envolvendo sempre o espaço profano e o espaço sagrado.

2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

2.1 Cultura e Religião

Neste trabalho, partimos da compreensão de cultura proposta por Hoefle (1998) apud Corrêa (2009), que apresenta um quadro onde a cultura pode ser entendida em três eixos. Aqui, entendemos que a cultura pode ser vista numa perspectiva mais abrangente, envolvendo, respectivamente, inúmeros fenômenos, como crença, hábitos, conhecimentos, linguagens, artes etc.

Segundo Otto (1992, p.3), reconhecer a religião apenas como sistema simbólico ou como ideologia é subestimá-la no seu aspecto mais legítimo e essencial: a sua sacralidade. Concordamos que nas circunstâncias mais abrangentes de análise para as ciências humanas “religião é a experiência do Sagrado”.

Eliade (1995), afirma que o espaço sagrado é poderoso e significativo e como tal é estruturado e consistente e, em contrapartida, o espaço não sagrado é amorfo e vazio. No que tange ao homem religioso o espaço é pleno de rupturas qualitativas. Mais precisamente, é na experiência do sagrado que o homem descobre a realidade do mundo dos significados e a ambiguidade de todo o resto.

Gil filho (1999), ressalta que a Geografia da Religião circunscrita a uma interpretação espacial da prática religiosa ou do conjunto de objetos religiosos da paisagem é limitada. Todavia, em seu sentido amplo, a prática religiosa se apresenta como um fenômeno da cultura humana inspirada na busca da transcendência ou imanência. A materialidade imediata da prática religiosa não é um fim em si mesmo, mas um meio inicial de compreensão da dimensão religiosa.

Pereira (2013), afirma que, religião e geografia podem ser compreendidas como saberes humanos distintas, mas com muitas relações. São duas formas de (re)ação no espaço: a religião normatiza alguns procedimentos dos homens em relação ao espaço; e, por sua vez, o conhecimento geográfico proporciona capacidades estratégicas de atuação no espaço. Os espaços de ação de ambas são os sociais, culturais, políticos, econômicos etc. Vemos, assim, que essas duas formas de conhecimento atuam nas várias dimensões que circundam a vida comum do ser humano.

As festas e comemorações populares sempre fizeram parte da vida do homem, É por meio dessas manifestações que “a sociedade homenageia, honra ou rememora personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica” (BELTRÃO apud TRIGUEIRO, 2007, p.107).

A Festa do Divino Espírito Santo, enquanto manifestação do sagrado é indicada pelo termo hierofania que etimologicamente significa algo de sagrado que se revela. O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente das realidades do cotidiano (ROSENDAHL, 1995).

A hierofania revela este ponto fixo denominado centro e que contém o simbolismo de fundação, o Divino Espírito Santo, centro da manifestação religiosa e o entorno possui os elementos necessários que expõem as formas espaciais (ROSENDAHL, 1995).

A geografia da religião seria uma análise e descrição do fenômeno religioso em termos da ciência geográfica (BARRET, 1982). Uma geografia das religiões que remete aos efeitos e relações da religião com a sociedade, meio-ambiente e cultura e, sob este ponto de vista, a religião é estritamente uma instituição humana. Sendo assim, o que se evidencia são as suas relações com os vários elementos humanos e físicos (STUMP,1986).

2.2 Território Quilombola

O Território Remanescente de Comunidade Quilombola é uma concretização das conquistas da comunidade afrodescendente no Brasil, fruto das várias e heroicas resistências ao modelo escravagista e opressor instaurado no Brasil colônia e do reconhecimento dessa injustiça histórica.

Embora continue presente perpassando as relações socioculturais da sociedade brasileira, enquanto sistema, o escravagista vigorou até 1888 e foi responsável pela entrada de mais de 3,5 milhões de homens e mulheres prisioneiros oriundos do continente africano – embora haja discrepância entre as estimativas apresentadas, Sérgio Buarque de Holanda faz uma análise delas considerando este um número sensato.

Além de oriundos dos antigos quilombos de escravos refugiados é importante lembrar que muitas das comunidades foram estabelecidas em terras oriundas de heranças, doações,

pagamento em troca de serviços prestados ou compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após sua abolição.

Os remanescentes de quilombo são definidos como grupos étnico-raciais que tenham também uma trajetória histórica própria, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida, e sua caracterização deve ser dada segundo critérios de auto atribuição atestada pelas próprias comunidades, como também adotado pela Convenção da Organização Internacional do Trabalho sobre Povos Indígenas e Tribais.

A chamada comunidade remanescente de quilombo é uma categoria social relativamente recente, representa uma força social relevante no meio rural brasileiro, dando nova tradução àquilo que era conhecido como comunidades negras rurais (mais ao centro, sul e sudeste do país) e terras de preto (mais ao norte e nordeste), que também começa a penetrar ao meio urbano, dando nova tradução a um leque variado de situações que vão desde antigas comunidades negras rurais atingidas pela expansão dos perímetros urbanos até bairros no entorno dos terreiros de candomblé.

Atualmente, há mais de duas mil comunidades quilombolas no país, lutando pelo direito de propriedade de suas terras consagrado pela Constituição Federal desde 1988, conforme dados da Fundação Cultural Palmares (BRASIL, 2017). O Estado do Tocantins conta atualmente com 44 Comunidades quilombolas, das quais 37 estão certificadas, além de 35 associações quilombolas organizadas no estado, sendo que neste projeto abordaremos 14 comunidades certificadas e, entre estas, está a Comunidade Malhadinha.

2.3 A origem da festa do Divino Espírito Santo

O culto do Divino uma das mais antigas expressões do catolicismo popular brasileiro (PACHECO, et al., 2005). De fato, a Festa do Divino Espírito Santo constitui-se uma secular tradição religiosa, originária de Portugal, que se difunde em diferentes regiões brasileiras, com dimensões próprias e peculiares.

A Festa do Divino Espírito Santo teve sua origem em Portugal, com a construção da Igreja do Espírito Santo, em Alenquer, estabelecida pela rainha Dona Isabel, no século XIII (LIMA, 1981)

A Comemoração do Divino Espírito Santo, como a maior parte das festas populares religiosas, tem origem no catolicismo português. Com relação à Festa do Divino, relatos e estudiosos do campo religioso ao longo da história contam que, no século XIV, durante o período em que Espanha e Portugal guerreavam por quase cem anos, a Rainha Isabel 3, esposa de D. Diniz, rei de Portugal, almejando a paz, fizera a promessa de alimentar os famintos e oferecer sua coroa ao Divino Espírito Santo.

A graça foi alcançada e a promessa foi cumprida. Desde então, o culto ao Divino passou a ser difundido, principalmente nos países colonizados pelos portugueses, chegando ao Brasil no século XVI.

No Brasil, o Catolicismo é marcado por seu caráter de dedicação e de festividade, com símbolos e eventos em devoção aos santos padroeiros. Há uma enorme participação dos fiéis, anualmente, em romarias e procissões, o que caracteriza o cenário das festas religiosas do calendário católico por meio de expressões distintas da cultura e da religiosidade no país (SILVA, 2007).

A festa do Divino e sua Corte imaginária, que ganha vida na fé e na devoção, é um elo que articula Portugal e Brasil, na tessitura histórica da colonização (FERRETTI, 2005).

A difusão da Festa do Divino no Brasil está diretamente vinculada aos percursos da colonização portuguesa. É nesta perspectiva que Rita Amaral (1988) destaca que tais festas parecem ter tido início no Brasil nas áreas de mineração do ouro, como Minas Gerais e Goiás (AMARAL, 1988).

Mesmo diante dos avanços científicos e tecnológicos que ocorreram nas últimas décadas, as festas religiosas ainda representam grande influência na vida das pessoas, principalmente no interior do país, cuja devoção aos santos católicos ainda é realizada como forma de expressão mais intensa da religiosidade (SILVA, 2007)

No Tocantins, fontes históricas registram a realização dos Festejos do Divino desde 1904. A crença é de que o Divino acaba com as doenças, a fome e a guerra. Esses festejos anunciam a presença do Espírito Santo, que, assim como na história de origem, traz a paz para a Terra. (SILVA, 2007)

E possível perceber que ainda se preserva, por meio de práticas religiosas, como a Festa do Divino Santo, a religiosidade como tradição importante do seu patrimônio cultural,

pois diferentes pessoas que são identificadas na festa, como os organizadores, participantes ou observadores, ganham destaque, contribuindo com sua identidade festiva e com vários sentimentos e significados.

2.4 A festa do Divino Espírito Santo na Malhadinha

Assim como no catolicismo popular a vivência religiosa popular está muito ligada à vida cotidiana, os santos são como companheiros dos seus devotos em todos os momentos da vida. Uma ocasião especial de ligação entre a religião e a vida – principalmente nas zonas rurais – é a festa do santo, que representa o culto coletivo no espaço público (ZALUAR, 1983).

A religiosidade popular tem por essência a prioridade da vida coletiva e a festa envolve toda a comunidade. Cabe ao festeiro ou a comissão de devotos, mobilizar a comunidade para a preparação da festa do santo. A festa necessita de uma grande preparação – podem durar vários dias – e representa o grande momento da comunidade local. Durante a festa, algumas posições aparecem com destaque e esses agentes religiosos são escolhidos de forma livre pela comunidade local.

A festa é uma presença marcante na vida do devoto e as festas destinadas aos santos devem ser coloridas, marcadas com diversos enfeites, bandeirinhas, flores e velas. O principal enfeite é o mastro com a estampa do santo, erguido na fase de preparação da festa para anunciar o local e o santo festejado.

A festa é toda marcada pelas rezas que estão presentes em diversos momentos, pois sua essência é o contato dos devotos com o santo. A música faz parte de todas as festas e são elas que veiculam mensagens religiosas, que louvam ao santo e compõem as rezas, as danças e as procissões.

A refeição é um elemento importante para a coesão do grupo, pois é o momento em que são arrecadadas doações de toda vizinhança.

Nas festas religiosas brasileiras, o Divino Espírito Santo é o elemento central do catolicismo popular, enquanto nas festas católicas, o elemento central é o santo ou a santa (OLIVEIRA, 1983).

A tradição da Festa do Divino continua viva em vários Estados brasileiros e comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus, 50 dias após a sua morte e ressurreição. Divino indica a divindade do Espírito Santo, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo.

Na comunidade Quilombola Malhadinha, a festa do Divino Espírito Santo, não é muito diferente das outras regiões do Brasil, com exceção das datas, que se tornaram móveis para atender as demandas de cada localidade.

Na Malhadinha, a festa acontece no segundo domingo do mês de julho, tendo como símbolo principal, a Bandeira do Divino, na cor vermelha, tendo ao centro uma pomba branca com os pés e o bico vermelhos (símbolo do mensageiro), completada com fitas coloridas que representam os sete dons do Espírito Santo (Sabedoria, Entendimento, Ciência, Conselho, Fortaleza, Piedade e Temor de Deus).

Tudo começa no sorteio, onde as pessoas devotas ou até mesmo que queiram pagar uma promessa ao Divino, por alguma benção alcançada, colocam os nomes, para serem membros da Divindade da Festa, ou seja, Imperador, Alferes da bandeira, Capitão do mastro, ou Procurador.

Oito dias antes da festa de coroação do imperador, acontece à saída da Folia do Divino, que constitui, no simbolismo, de 13 pessoas que representam Jesus e seus doze apóstolos. Este grupo de foliões sai da casa do Alferes da bandeira, o chamado pouso. Montado em seus cavalos percorrem a comunidade indo de casa em casa, cantando os cantos do divino, abençoando-os e pedindo esmolas para serem entregues ao Imperador da festa.

Durante os dias de Giro da Folia, a cada dia é escolhida uma nova casa para pousar (passar a noite), então é oferecido aos foliões um banquete, de acordo com as condições financeiras da família.

Neste momento, em cada pouso, é realizado um ritual, na forma de cânticos e ladainhas, onde os Foliões pedem licença ao dono da casa para abençoar, agradecer a comida e o pouso. Segue-se a isso, a cantoria e as danças, como a sucia e, ao amanhecer, serve-se o café da manhã, antes da Folia se retirar e continuar seu percurso na comunidade.

Chegado ao final dos oito dias de Giro da Folia, inicia-se a Festa propriamente dita. A esse respeito, o Senhor Marcelino de Sousa, 99anos, fala que: “Bom, antigamente, era assim

muito respeito com a divindade, na hora que a folia saia todo mundo que estava ali na hora chorava. E na hora que chegava ao sítio, era mesmo que está descendo um anjo do céu.”

No dia do reinado, que é a coroação do novo Imperador, muitas pessoas vêm de vários lugares e cidades próximas, para verem esse momento. Logo pela manhã, os homens moradores da comunidade terminam de fazer os últimos ajustes da barraca da festa (o profano), local onde acontece o “forró” e, a barraca do reinado (do sagrado) local de missa ou terço para coroação do imperador.

As mulheres têm um importante papel nesse festejo, pois nessa mesma manhã, se reúnem para enfeitar o mastro da bandeira (haste de madeira roliça, contendo a bandeira do divino na ponta) nas cores vermelho e branco.

Muitas outras mulheres se comprometem na elaboração das comidas que será servida a noite aos participantes. Ainda Seu Marcelino: “todas as mulheres da irmandade já tinham interesse em cozinhar, aquela preeminência, respeito com o Divino, participavam por conta própria sem ganhar nada”.

Chegada à noite, os membros da Folia do Divino, composto pelo novo Imperador e Imperatriz, o Capitão e Rainha do Mastro e as crianças, representando os anjos, se reúnem para realizar o Cortejo que sai da casa do Imperador para a barraca do reinado, onde será coroado o novo Imperador do Divino espírito Santo.

O Cortejo as autoridades são realizados dentro de um quadrado feito com varinhas seguradas pelas pessoas que acompanham o Cortejo ao ritmo cadenciado de uma sanfona, triangulo e bumbo. Na barraca do reinado é realizada uma missa e acontece a coroação do novo Imperador pelo padre, sendo este momento considerado por muitos devotos, um dos mais belos da festa, pois acreditam que neste momento o Divino espírito santo, a terceira pessoa da trindade, desce a terra para abençoar a todos os presentes.

Os moradores mais antigos da comunidade admiram os aspectos religiosos, mas os jovens preferem outras festividades, como por exemplo, o tradicional forró pé de serra, onde todos se reúnem para comemorar o santo a noite inteira.

No dia seguinte da festa, pela manhã, as mulheres acordam bem cedo para fazer o café que será servido a todos e, de acordo com o Seu Marcelino: “hoje em dia não era Cuma antes,

antigamente, era a sim... colocava aquela mesa com toda qualidade de bolo, pra servir o povo, e ainda quem quisesse podia levar para casa, inclusive carnes e paçocas”.

Logo após o café da manhã, acontece então a missa em agradecimento ao Divino Espírito Santo pelo festejo e as graças alcançadas. Em seguida, faz-se, o sorteio para saber quem será o próximo Imperador, Capitão do Mastro e Alferes da bandeira, momento de muita alegria para quem é sorteado, pois para muitos é uma honrosa oportunidade de estar mais perto da divindade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa do Divino Espírito Santo na Malhadinha não é só experiência do sagrado, mas também proporciona laços de amizade entre familiares e visitantes, reconstruindo práticas culturais de seus antepassados e vivenciando a fé e o aspecto religioso.

O sentido da festa engloba o aspecto religioso, a devoção ao santo, a teatralidade, o catolicismo e a cultura dentro das diversas características e o modo de se fazer e se pensar a festa na região, desde os foliões que percorrem a comunidade durante oito dias até a celebração da festa, com a participação de todas as demais personagens e de votos. Para os devotos do Divino Espírito Santo, este devolve a devoção em bênçãos, expressando uma relação de reciprocidade e sacrifício.

No cenário dessa pequena comunidade, os moradores cultivam anualmente diversas celebrações, festas e folguedos que simbolizam espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, entretenimento e da vida cotidiana que mantém fortes traços de africanidade e este é um aspecto que nos atraiu nessa manifestação religiosa, pois não se perderam no tempo, mas adquiriam novos significados locais. Neste momento, percebemos a relação entre religião e geografia, religião e cultura e religião e território.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, E. **Antropologia econômica**. São Paulo, Ciências Humanas.
- BARRET, D. B. (ed.) **World Christian Encyclopedia; a Comparative Study of Churches and Religions in the Modern World, AD 1900-2000**. Nairobi: Oxford University Press, 1982.
- BRASIL. **Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/2003/D4887.htm>. Acesso em 10 de fev. 2018.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. **Comunidades Remanescentes de Quilombos**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?Page_id=37551>. Acesso em: 10 de fev. 2018.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso: 05 fev. 2018.
- CORREA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural**. Departamento de Geografia – UFRJ. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corrêa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>. Acesso em: 06 de abril. 2018.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Paul Claval; tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta, 3.ed. Florianópolis, 2007.
- DA SILVA, F. A. C. **RELIGIOSIDADE POPULAR: A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ARAGUAÍNA TOCANTINS**. Revista Temporis [ação](ISSN 2317-5516), v. 13, n. 1, p. 134-150, 2013.
- DA SILVA, K. C. C.; GOMES, M. P.; GONÇALVES, I. A. **QUILOMBOLAS-DIREITOS FUNDAMENTAIS: O Acesso À Saúde, Habitação e Educação**. Revista Ideário/Rio de Janeiro/Ano 2/Edição Nº 4/Outubro de 2013.
- DURHAM, Eunice R. “**Introdução: Uma nova visão da Antropologia**”, IN: Eunice Durham (org.) Malinowski. São Paulo: Ática, 1986, pp. 7-24.
- ELIADE, M.; FERNÁNDEZ, L. G. **Lo sagrado y lo profano**. Barcelona: Labor, 1981.
- Historicidade e Campesinato: Um estudo sobre a FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**. Quadro Geral de Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs). Brasília, 2013.

GIL FILHO, S. F. **Espaço de representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso.** Ra'e Ga: O Espaço geográfico em análise, Curitiba, v. 3, n. 3, 1999 p. 91-120.

GIL FILHO, S. F. **Por uma geografia do sagrado.** Elementos de epistemologia da geografia contemporânea, v. 2, p. 253-265, 2002.

GUIMARÃES, C.; COSTA, M. J.; MANZANETE, M. **As relações simbólicas da Festa do Divino de São Luis do Paraitinga**, 2003.

LEITE, M. E. T. B. **O CONCEITO DE QUILOMBO: HISTÓRIA E MEMÓRIA.** Revista Científica de Educação, v. 3, p. e019010-e019010, 2018.

MARQUES, K. M. C. M. **Aspectos Atuais Da Comunidade Quilombola Malhadinha No Município De Brejinho De Nazaré-To, Face À Modernização.** 2011. organizações socioeconômica da comunidade de Malhadinha e sua inserção nas Políticas públicas de Ação Afirmativa (1988 – 2011). Rio de Janeiro, 2012.

MESSIAS, N. C. **NEGROS E BRANCOS EM MONTE DO CARMO (TO): MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E RELIGIOSIDADE.** Ciências Humanas Ltda., 1978.

OTTO, R. **O Sagrado**, Lisboa: Edições 70, 1992.

PEREIRA, J. C. **Geografia da Religião: Um Olhar Panorâmico.** RA'E GA 27 (2013), p.10-37, Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR.

RAMOS, Arthur. **Aculturação negra no Brasil.** São Paulo. 1ª Edição. Série: 5ª Ed. Nacional, 1992. (Brasília: Biblioteca Pedagógica).

REIS, J. J.; GOMES, F. S. (orgs.). **Liberdade por um fio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROSENDHAL, **Boletim Gaucho de Geografia.** Geografia da Religião, 96-99, dez., 1995.

SILVA, J. M. S. **Comunidades quilombolas, suas lutas, sonhos e utopias.** Revista Palmares-Cultura Afro-brasileira. A FCP chega aos, v. 21, 2012.